O DEMOCRATA (AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
RUA MIGUEL BOMBARDA, 21

Composição e impressão
Tipografia Minerva Central
Rua Tenente Rezende, 12-AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e administrador
Manuel Alves Ribeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida ao director

Representação exclusiva de publicidade para Lisboa e Pôrto—Agencia Havas

A pesca do bacalhau

e os esforços do Estado Novo pelo progresso desta industria nacional

Foi relativamente facil ao Estado Novo regenerar as finanças nacionais com o saber e energia de Salazar e a confiança da Nação. Nesta hora atormentada da vida internacional poucos paises poderão vangloriar-se de possuirem finanças tão sólidas e sadias.

Mas sob o ponto de vista económico o progresso tinha naturalmente de ser mais lento. A situação económica em 1928 definiu-se por uma balança comercial fortemente desiquilibrada na qual dois terços cabiam à importação e um terço, apenas, á exportação.

O país suportava anualmente esta sangria de muitos milhares de contos-ouro que ia enriquecer as economias estrangeiras, mas à custa dum definhamento progressivo. Felizmente, ou por virtude das remessas de cambiais dos emigrantes ou por outras vias e procedencias manteve-se sempre o equilíbrio da balança de pagamentos. Não é, porém, menos certo que o ouro com que comprava-mos trigo, arroz, algodão e bacalhau, tudo produtos susceptiveis de serem produzidos por portugueses do continente ou das colonias, poderia ser aplicado ao nosso apetrechamento económico—estradas, pontes, caminho de ferro, portos do comércio e da pesca, obras hidraulicas, arborisação de serras e dunas, enfim, tudo o que se está fazendo agora com a gerencia de Salazar e que podia ter começado 50 anos antes com proveito para a população portuguêsa.

A administração do Estado Novo conseguiu já, por meio de acertadas medidas, levar o País a produzir o trigo necessário para o seu consumo e êste facto repetir-se-há naturalmente sempre que os anos agrícolas não sejam excepcionalmente maus. As necessidades dá importação do arroz têm sido de ano para ano reduzidas e é possivel que deixem mesmo de existir nos anos próximos. Nas colónias faz-se neste momento um grande esforço para produzir a maior parte do algodão consumido pelas nossas indústrias texteis.

E quanto ao bacalhau?

A situação em 1928 era esta:—produziamos, apenas, cinco por cento do bacalhau consumido porque a nossa frota bacalhoeira não tinha capacidade para mais.

Hoje, graças ás providências do Estado Novo e aos metodos corporativos, produzimos já 25 por cento do que é necessário ao consumo nacional.

Em 1930 não havia ainda um só barco bacalhoeiro com motor; hoje temos 38, que estão tambem apetrechados com aparelhos de T. S. F., para melhor segurança das tripulações. Mas o Estado Novo não está ainda satisfeito com estes resultados e quere mais, muito mais.

Ele quere que os barcos velhos pequenos, sem motor e demais apetrechamento conveniente sejam substituidos; quere, enfim, que Portugal possua uma bôa frota bacalhoeira que garanta a maior parte do consumo nacional.

O plano aprovado pelo Governo prevê a construção de novos barcos com a capacidade de 426.000 quintais de carga de bacalhau. Para isso o Estado financiará as emprezas ou armadores que se dedicam á exploração da pesca do bacalhau.

E' este, sem duvida, um notavel esforço pelo progresso da economia nacional.

J. C.

31 de Janeiro

Passou na terça-feira mais um aniversário da revolta do Porto originada pelo movimento patriotico que teve início após o *ultimatum* inglês de 11 de Janeiro de 1890. Há, portanto, 48 anos que a República, sofrendo o seu baptismo de sangue, viu crescer o número de partidários que mais tarde lhe deram o triunfo e com êle a situação que hoje disfrutamos à custa do prestígio dos seus servidores, cuja lealdade não admite duvidas.

O Democrata, recordando o dia da derrota, abriu o seu mialheiro e fez distribuir por alguns pobres da cidade a quantia de 210$00 que lá encontrou dos bemfeitores a quem no próximo número daremos conhecimento da maneira como distribuimos a referida importancia.

Estádio Municipal

—o—

O Supremo Tribunal Administrativo deu provimento ao recurso da nossa Câmara contra o sr. Alfredo Luz na decantada acção sôbre o Estádio, o que quere dizer que, revogando a sentença da Auditoria de Coimbra, decidiu ser competente o processo empregado, estar bem feita a exposição e suficiente pago o proprietário do terreno expropriado.

O Chico anda infeliz.

Atirou-se à Câmara como um gato a bofe porque a Câmara praticàra uma grande pouca vergonha contra o sr. Alfredo Luz!

Publicou a minuta do sr. dr. António Cristo, advogado do sr. Luz, que punha a Câmara pelas ruas da amargura.

Deitou foguetes; tocou a música...

E afinal—ó Chica, rico Chico do coração!—o mais alto Tribunal e o mais competente, diz que a Câmara fêz o que devia, andou bem, zelou o interêsse público, validando todos os seus actos, decidindo que Aveiro mantivesse um dos seus grandes melhoramentos.

Tem paciência, Chico! Hás-de roê-la!

Brevemente publicaremos o Acórdão com os comentários que nos sugerirem.

No Chile

—o—

Um terramoto que há dias destruiu na pequena Republica sul americana tres cidades, fez com que nos anais das grandes catastrofes, além de incalculaveis prejuisos materiais, se registasse êste numero pavoroso de vitimas—30 mil!

A infelicidade de certos povos! Chega a ser arripiante.

Recreio Artístico

=x=

Desta antiga colectividade aveirense recebemos o seguinte ofício.

Ex.mo Senhor Director do jornal «O Democrata»

Aveiro

Levo ao conhecimento de V. Ex.ª que a Direcção desta Sociedade, com séde em Aveiro, ao iniciar os trabalhos da sua gerência, saúda V. Ex.ª e faz votos pelas prosperidades do jornal de que V. Ex.ª é ilustre Director.

A Bem da Sociedade

Aveiro, 27 de Janeiro de 1939.

O Presidente

Isaias Augusto d'Albuquerque

O TEMPO

Foi-se o Janeiro depois de ter cumprido bem a sua obrigação. De tal maneira que o luar dos poetas se conservou sempre entre nuvens, nunca chegando a iluminar a terra como nas noites estreladas.

Paciência.

Secretaria do notariado

Acaba de ser instalada nesta cidade sob a chefia do sr. dr. Inocencio Rangel, ocupando parte do prédio novo que faz esquina para a Rua do Sol, da banda do Largo da Apresentação.

A escolha foi acertada por ser um sitio de muita luz...

A "Dama das Camélias,,

=:=

No cemitério de Montmartre, em Paris, eleva-se um monumento de pedra, de fórma antiga, que termina superiormente por uma urna cinerária.

Em cada uma das faces há uma placa de mármore branco. Nas duas faces laterais lê-se o seguinte:

Aqui descansa
Alphonsine Plessis
Nascida a 13 de Fevereiro de 1824
Morta a 3 de Fevereiro de 1847
De Profundis

Há, portanto 92 anos que ali foi sepultada num coval raso-não houve tempo na ocasião de construir um mausoléu—num caixão de carvalho, menos precioso que os seus móveis, que eram tôdos de madeira côr de rosa, a verdadeira Margarida Gauthier, do célebre romance de Alexandre Dumas, filho: Alphonsine Plessis, viscondessa de Perregaux, chamada Maria Duphosis— a *Dama das Camélias*.

Nos angulos do monumento funerário estão presos por fios de arame dois pequenos *ex-voto*: Recordação, duas camélias brancas de celuloide, com o caule envolvido em papel de prata, e no centro esta inscrição:—*Orai por ela*.

A' direita dêste lugar melancólico uma indicação oficial lembra prosaicamente que é absolutamente proíbido escrever no monumento, desenhar ou tirar fotografias sob pena de multa. Estas proibições são muitas vezes transgredidas e o marmorista que vela pela sepultura, por indicação do genro de Alexandre Dumas, tem, ás vezes, que mandar raspar do mármore palavras que ali são escritas por admiradores de Margarida Gauthier. Mas o que o marmorista não pode apagar são os nomes e os eternos juramentos gravados com qualquer navalha na casca dum plátano que alí cresce perto, hoje quasi centenário, cujo cume parece proteger do sol, da chuva e da geada o tumulo da grande amorosa e deixa caír sôbre êle, desde o outono as primeiras folhas crestadas. Tôdos os dias a piedade dos visitantes levar para florir o tumulo, flores cortadas ou humildes ramos que põem, nos vasos de ferro ou de porcelana colocados nas grades que rodeiam o tumulo em que estão pintadas a negro estas palavras:

Concessão para sempre=n.o 83=ano 1847

* * *

A viscondessa Véra de la Jonchére fez deste tumulo um lugar de peregrinação e, foi flori-lo durante muitos anos, todos os dias, sem que ninguem conhecesse o motivo dêsse culto.

Depois da sua morte a tradição prosseguiu e conforme a estação, os vasos enchem-se de violetas mimosas, rosas, cravos, flores raras de estufa ou flores singelas dos campos que perpetuam o nome daquela que foi imortalizada sob o nome de Margarida Gauthier, *a grande amorosa*.

Ministro do Interior

=o=

Na sua passagem para o norte foi, no sábado cumprimentado na *gare* da estação do caminho de ferro por as autoridades locais e outras pessoas da cidade, o sr. dr. Mário Pais de Sousa.

Viajava no *rápido* das 13 horas.

Efemérides

4 de Fevereiro

1794—A Convenção Francesa abole a escravidão.

1836—Nasce Naquet, autor da lei francesa do divórcio.

1891—Dá entrada na cadeia da Relação, do Porto, o capitão Leitão, um dos chefes militares da revolta de 31 de Janeiro.

1908—Como consequencia do regicidio, cai o ministério franquista.

1912—Morre o dr. Eduardo de Abreu, patriota e republicano dos mais ardentes.

1469—Morre Gutemberg, inventor da tipografia.

Êste número foi visado pela Censura

IMPRENSA

«BRADOS DO ALEMTEJO»

Com um número de 32 páginas, algumas ilustradas, festejou a sua entrada no 9.º ano, o nosso confrade de Estremoz, ao qual ainda valoriza excelente colaboração e a parte gráfica, muito apreciável.

Cumprimentamos o colega que é, na imprensa alentejanista, um dos maiores baluartes regionais.

Edifícios públicos

=o=

Ao número dos já mencionados e cujas fachadas estão a pedir limpeza urgente, faltou acrescentar o da Agência do Banco de Portugal, que é uma das maiores vergonhas de Aveiro.

Francamente: não tem desculpa.

O Carnaval

Está à porta. Em algumas terras do país já se fazem preparativos para a folia. Só em Aveiro, a-pesar-de haver tantas agremiações recreativas, nada se faz.

Ficará resumido aos bailes no Teatro e vá.

Os "moirões,,

=====

O presado colega *O Ilhavense*, depois de transcrever a nossa local intitulada—*Não está certo!*—do penultimo número, diz que anda há uns poucos de anos a prégar contra o costume de estacionarem no eixo da estrada os conversadores da vila, a quem chama *moirões*, certamente pelo local escolhido, mesmo no meio da praça, e ainda não conseguiu nada!

Desleixo da autoridade simplesmente. Ou falta de energia. Pois quê? Então não haverá na vila de Ilhavo quem, no próprio interesse dos *moirões*, os faça deslocar do sítio onde estacionam para os passeios laterais?

E' preciso que os nossos visinhos se compenetrem do pessimo efeito que faz uma atitude inexplicavel. Se ainda não estivessem avisados do perigo que correm... Mas estando, hão-de concordar que é intoleravel essa tal teimosia.

Livros, Opúsculos e Revistas

Pelo Dr. Alberto Souto

Subsidios para o estudo da regência de D. Pedro, duque de Coimbra

Por Manuel Heleno, professor e director do Museu Etnológico

Não conhecia ainda pessoalmente o sr. dr. Manuel Heleno, quando pela primeira vez o vi, preleccionando aos seus alunos da Faculdade de Letras de Lisboa, no Museu dos Serviços Geológicos que, por sinal, se encontra vergonhosamente instalado nas águas-furtadas do edifício da Academia de Ciências.

Sua Ex.ª deteve-se nas colecções pre-históricas e eu, para não parecer indiscreto, passei para as secções do mesozoico que particularmente me interessavam.

Tinha havido uma dissenção entre o ilustre director do Museu Etnóloco dr. Leite de Vasconcelos e o grupo da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia do Porto que, com quási todos os arqueólogos e directores de Museus e estudiosos de antropologia e pre-história, lavrára um protesto contra o decreto sôbre excavações que fôra considerado de inspiração do sr. dr. Heleno.

O caso obrigava-me, ainda, pois, a ser cauteloso, embora, apesar-disso, eu muito desejasse travar relações com o ilustre director do Museu de Belém, incansável investigador e autorizado pre historiador.

No verão passado, o sr. dr. Manuel Heleno, visitando Aveiro, foi de cativante amabilidade comigo, deixando-me no Museu o seu cartão de cumprimentos.

Pouco depois encontrávamo-nos no *Arcada Hotel* onde tive ocasião de agradecer ao sr. dr. Heleno não só a sua delicadeza, mas também a magnífica conversação sôbre alguns problemas científicos que Sua Ex.ª se dignou versar e esclarecer.

Apenas chegado a Lisboa, teve, ainda, o sr. dr. Manuel Heleno a gentileza de me oferecer uns poucos de volumes de sua autoria.

A um dêsses volumes vou hoje referir-me, dando dele uma notícia e ligeiro resumo.

* * *

As lutas de família, mesmo entre príncipes, são sempre mais dramáticas e impressionantes do que as travadas entre pessoas em cujas veias não corre o mesmo sangue nem se ligam pela afinidade.

A história de Portugal tem páginas dessas tragédias que, embora por vezes disfarçadas sob a capa da *razão de Estado*, deixam bem sobrenadar a ruíndade de alguns corações reais, a fragilidade de carácter dos príncipes e a fraqueza de sentimentos de muitas figuras de alta estirpe que a moral de todos os tempos, o espírito cristão, de que tanto nos gabamos, e o fundo bondoso e brando do comum do povo português, não podem absolver, mas tem de lamentar ou condenar.

Humanas como quaisquer outras, as figuras reais, por vezes, despem os seus atributos, ou com êles mesmo, cavalgam no ginete desenfreàdo das paixões e cometem crimes, fazem grosserias e velhacarias, praticam traições e deslealdades, fomentam revoltas, desenvolvem intrigas, tão baixamente como o vulgacho.

Os deuses da Grécia eram do mesmo estôfo: a-pesar-de divinos, padeciam das paixões e fraquezas dos mortais que os inventaram e adoraram!

Uma das tragédias mais impressionantes da história de Portugal e das suas famílias reinantes é a de Alfarrobeira.

No combate inglório defrontaram-se sobrinho e tio; um rei criançola e um príncipe ilustre e sábio que imperiosamente regera o reino e que pertencia à inclita geração do Mestre de Aviz; mais que isto ainda: o genro, quási um filho, e o sôgro, quási um pai!

Que diriam a História, a Justiça, a Moral, a Religião, os Bons Costumes, a Alma Humana, se isto se passasse fóra de uma família de príncipes?

A História, embora sempre preocupada com a *razão de Estado*, tem sido favorável ao duque de Coimbra e bem pouco benévola para com o então juvenil D. Afonso V.

O infante D. Pedro, que na sua regência se afirmou um estadista à altura da grande herança recebida e dos grandes destinos da Nação, tem sido considerado, geralmente, como um mártir da leviandade e do orgulho do sobrinho e genro e como uma verdadeira e inocente vítima das intrigas e despeitos da Nobreza, capitaneada pela bastardia dos Barcelos-Braganças.

O sr. dr. Manuel Heleno vem corrigir um pouco êste juizo, demonstrando que o infante D. Pedro também teve culpas e que as suas atitudes foram, por vezes, suspeitas ou irregulares.

As suas conclusões são as seguintes:

1.º—*Depois da morte de D. Duarte, o Infante apossou se revolucionàriamente do poder tirando a regência à rainha, a quem o testamento real conficára êsse encargo;*

2.º—*como já tinha feito à Rainha, mãi de D. Afonso V, D. Pedro, tio e sôgro do rei, revoltou-se contra êste.*

Qual o fim da revolta?

Neste ponto não é concludente o ilustre professor, porque se exprime assim:

... *«com o fim, talvez, de desempenhar em Portugal o papel confiado em Castela ao seu amigo e aliado D. Álvaro de Luna».*

Outra conclusão tira o sr. dr. Manuel Heleno do seu estudo, e esta imparcialmente favorável ao duque de Coimbra:

«Durante o seu Govêrno favoreceu, ao contrário do que afirma Oliveira Martins, a política de expansão marítima.»

Outra conclusão ainda, que atenúa o conceito sobre o papel do infante D. Henrique no meio desta tragédia:

«Entre os interêsses que se chocam e lutam pela regencia e mais tarde pelo domínio do Rei, avulta a figura extraordinária de D. Henrique, com-

"Molho de Escabeche,,

—o—

Depois de algum tempo fóra do lume, voltaram os cosinheiros a tentar a sua preparação para no-lo servirem dentro em breve—lá para Maio, dizem.

Ficamos na espectativa.

"Club Mário Duarte,,

=o=

A Direcção deste club, continuando as tradições dos anos anteriores, realisa este mês na sua séde e no salão nobre do Teatro Aveirense, brilhantes e animadas festas carnavalescas.

Constarão de: *matinée* infantil, dedicada aos filhos dos sócios, no dia 12, pelas 15 horas; baile familiar, no dia 16, pelas 22 horas, no Teatro, cujo salão e camarotes lhes estão reservados, e uma elegante *spirée masquée* nas salas do Club, no dia 18, com prémios e surprezas.

Comunicações Rádio-telefónicas

Com a inauguração dos serviços radio-telefonicos entre o Canadá e a Terra Nova, levada a efeito pela Companhia Inglesa de telecomunicações Cable & Wireless L.ª, deu-se mais um grande passo no sentido da expansão das facilidades rádio telefonias.

São agora permitidas conversas rádio-telefónicas entre a Terra Nova e qualquer país ligado rádio-telefonicamente com a Gran Bretanha. Este serviço é feito através das estações da Clable & Wireless, de Londres, Montreal, Canadá e Terra Nova.

batendo a ilegalidade, defendendo a paz da Nação e os supremos interêsses do Estado».

D. Henrique foi sempre o homem frio, de coração duro, inabalavel no seu propósito da expansão marítima, o sonhador genial da epopeia, antepondo a todas as considerações pessoais ou sentimentais a *razão de Estado* e o futuro d. Nação.

Bastas vezes, no entanto, foi ele o medianeiro, o apaziguador das lutas familiares, o moderador dos conflitos da Corte e da Nobreza. Mas no memento da intriga de Alfarrobeira, se a sua acção tivesse sido mais energica e o seu propósito conciliador e esclarecedor mais decidido, talvez essa grande mancha da família de Aviz e da história de Portugal se tivesse evitado.

A rainha chamava-se Izabel, mas em Alfarrobeira faltou uma Rainha Santa Izabel a separar os contendores...

Infelizmente!

Assim penso eu, inclinado como sou, com quasi toda a gente lida, para a inocencia do duque de Coimbra, grande principe, vitima dos ódios da Nobreza a quem jugulara os ímpetos e domináro os ambiciosos planos.

Mas o sr. dr. Manuel Heleno chegou ás conclusões que mencionei, baseando-se principalmente na exposição que, depois de Alfarrobeira, o rei D. Afonso V mandou ao Papa e aos países e Principes cristãos, como justificativa da morte do Infante, exposição essa a que Rui de Pina se refere, classificando-a de *«asaz fea e muy defamatoria»* e que o autor da cronica de D. Afonso V atribue aos inimigos do duque de Coimbra.

Desse documento existem copias no Codice 443 da Colecção Pombalina, da Biblioteca Nacional de Lisboa, e nos manuscritos 44 e 1163 da Torre do Tombo que pertenceram ao Visconde de Santarem, tendo sido a autoria do codice—Alvaro Lopes—descoberta por aquele escritor e confirmada posteriormente pelos srs. Dr. Rodrigues Lapa e Conde de Tovar.

Admitindo a rebelião do infeliz Infante e, consequentemente, a legitimidade das medidas de repressão tomadas por D. Afonso V, ou pelos seus aulicos em seu nome, o sr. dr. Manuel Heleno, nem adopta os exageros da *«Crença del Rey D. Affonço o quinto de Portugal pe'a El Rey de Castella sobre a morte do Ifante dom Pedro que foi morto na batalha dalfarrobeira»* que reproduz na integra, nem diminue as qualidades do ilustre filho de D. João I.

Aponta-lhe alguns defeitos, mas enumera os grandes serviços que prestou ao Paiz e defende a sua memória de certas arguições menos justas.

Por exemplo:

Da carta que o *«Infante das Sete Partidas»* escreveu de Bruges a D. Duarte, e dos juizos de Rui de Pina, Oliveira Martins e outros escritores, resultam a convicção de que, D. Pedro discordára das conquistas de Africa e dos descobriment s marítimos promovidos por seu irmão, o infante de Sagres.

O sr. dr. Manoel Heleno demonstra o contrário, afirmando que nem D. Pedro se mostrára adversário das navegações, nem poderia mostrar-se, porque a nossa expansão marítima foi acarinhada pela burguezia e o Infante acaudilhára a burguezia nas lutas internas do segundo quartel do quatrocentos,

* * *

A' nobre figura do Infante D. Pedro, duque de Coimbra, filho de rei, irmão de rei, regente do Reino, tio, sogro, tutor e vitima de um rei, está em importante parte, no século XV, ligada a história de Aveiro, que ele cercou de muralhas, saneou e enriqueceu de edificações, como a do Convento de S. Domingos, em cuj igreja, mais tarde reedificada, se instalou agora a Sé Episcopal do segundo bispado.

Ele foi o avô da excelsa Princêsa-Infante, que dorme o seu derradeiro sôno de santa, beatificada pela Igreja, no rico mausoleu do côro baixo do Convento de Jesus, hoje sob a minha humilde guarda, no Museu Regional.

Não faltou quem visse nos merencoricos olhos verdes do retrato de St.ª Joana a voz do sangue, clamando do Além, contra o parricídio cometido por seu Pai...

O estudo do sr. dr. Manuel Heleno não podia deixar de me interessar.

Pêna tenho de que a exiguidade do espaço deste semanário me não permita ir mais longe nas considerações que o assunto me sugeria.

Aos agricultores

=o=

Todos os agricultores são obrigados, nos termos do decreto n.º 26.408 a manifestar até 31 de Março próximo, nas respectivas regedorias, as seguintes sementeiras:

De trigo rijo e mole, centeio, aveia, cevada, fava e grão de bico; plantação de batata de sequeiro, oliveiras, ameixoeiras, amendoeiras, aveleiras, cerejeiras, damasqueiros, figueiras, laranjeiras, limoeiros, macieiras, nespereiras, nogueiras, pereiras, pessegueiros, tanjerineiras e colheitas de azeitona para oleificar e azeite.

A falta de declaração e falsa declaração são punidos nos termos da lei.

Por mínimas que sejam as quantidades a manifestar, nenhum agricultor, a bem da economia nacional e seus próprios interêsses, se deverá eximir ao cumprimento dêste preceito legal.

Calendários

=o=

Mais dois nos fôram enviados da emprêsa industrial de chapéus *Joanino* e de calçado *Sanjo*, com séde na progressiva vila de S. João da Madeira, que, pela sua originalidade, são dignos de aprêço.

Agradecemos.

Necrologia

Faleceram esta semana: nesta cidade, Manuel de Sousa Lopes, viuvo, de 62 anos; no *Solposto*, Antónia de Oliveira, casada com Manuel Marques Ribeiro, de 75 e na *Quinta do Gato*, António Rodrigues Marques, solfeiro, de 22, filho de José Maria Marques Carapina.

Trincheira dum crente

Barcelona

Sempre tivemos fé na vitória das armas nacionalistas, que se têm batido com decisão, coragem e heroísmo inegualáveis.

Independente de razões de vária ordem, uma nos prendia e subjugava. Uma se nos oferecia poderosa, eloqüente e inatacável.

Enquanto os nacionalistas, no meio dos ardores da luta e dos azares da guerra, avançavam e progrediam sempre, as tropas vermelhas, da mesma maneira, iam recuando e retrocedendo, sem qualquer sofisma ou ilusão, que pudesse ofuscar os espíritos.

O resultado é lógico, natural e decisivo. O fim de quem avança conduz à vitória; o termo de quem recua leva à derrota.

A Catalunha era o ponto nevrálgico e grave da guerra de Espanha.

Pelas suas históricas veleidades de independência, que muitas vezes foi preciso afogar em sangue; pelo seu impenitente foco de rebeldia, fábrica de revolucionários de tôda a espécie; pelo seu valor económico e pela sua posição estratégica junto do Mediterrâneo, a Catalunha pesava na balança da trágica guerra civil, que as ideologias e os interêsses internacionais desencadearam em Espanha.

A queda de Barcelona significa a falência e o desbarato da causa vermelha e soviética.

O comunismo, que se afogára em sangue e em ignomínia, acaba de sofrer uma formidável derrota. A latinidade expulsa-o da Europa como uma afronta à sua história, ao seu génio e à sua civilização.

E a derrota do comunismo é a derrota da democracia individualista e abstrata.

Êsse tipo de democracia é uma criação própria e natural do século XVIV.

O século XX é o século da autoridade, da disciplina, do partido único, que é o partido da nação, do govêrno forte e concentrado, do Estado na sua mais alta expressão de chefia e de mando.

Em Espanha defrontaram-se duas místicas: a mística patriótica ligada à mística religiosa e a mística comunista. As duas primeiras, juntas, são invencíveis. A história demonstra-o e exemplifica-o em muitas das suas trajectórias.

Essas duas místicas baseiam a sua fôrça em valores eternos e indestrutíveis: a tradição, a família, a propriedade, a pátria, a religião e Deus, que pretendem conservar e sublimar.

A mística comunista é inimiga da propriedade, de tudo que é tradicional, dos laços de família, da pátria, da religião, de Deus, objectivando reduzir todos êstes valores a escombros.

O contraste é flagrante. Uma faz o homem ultrapassar-se a si próprio; a outra fá-lo afocinhar na lama e no lôdo.

Saüdemos Franco, o nobre caudilho, que se revelou mais um grande chefe da Europa nacionalista!

J. Carreira

secção desportiva

Foot-Ball

Campeonato nacional da II Divisão (Beira-litoral)

O Beira-Mar venceu brilhantemente a Ovarense, conservando a honrosa posição de «leader»

O grupo aveirense, de jôgo para jôgo, tem ganho mais confiança nos seus recursos.

No seu grupo da Beira-Litoral, no actual campeonato do país, ainda não conheceu a derrota.

E' de aguardar que êste *crescendo* de forma não diminua.

O *Beira-Mar*, 5.º classificado no torneio regional, conseguiu até agora, impôr-se nesta competição importantissima e apagar magnificamente os seus fracassos anteriores.

A sua última vitória sôbre os actuais campeões do distrito logrou convencer os mais pèssimistas.

Há quem vaticine a sua queda, quando lhe calhar a vez de visitar as terras dos adversários.

Contudo, é lícito esperar que os valorosos aveirenses removam tôdas as dificuldades, actuando com o mesmo à-vontade e nunca perdendo o moral dos precedentes triunfos.

Há também quem tema a acção dos públicos apaixonados, que consegue, tantas vezes, desorientar o grupo mais apetrechado, contribuindo para a sua derrota.

No entanto, os beiramarenses já não devem temer essas atmosferas tempestuosas, primeiro porque já estão habituados a suportá-las; segundo porque se trata dum torneio federativo e os dirigentes da Federação fazem, a miude, as mais enérgicas recomendações aos árbitros e não costumam ter as mãos leves, quando chega a altura de castigar...

No domingo, choveu abundantemente, no decorrer de quási todo o desafio.

O campo apresentava-se, portanto, em muito mau estado.

Os ovarenses foram, todavia, dominados técnica e territorialmente.

Deu gôsto vêr jogar assim os beiramarenses. Pareciam jogadores experimentados, tão agradável foi a sua preciosa adaptação ao terreno encharcado.

Nessa mesma tarde, tomariam alguns dos melhores grupos portuguêses (podem acreditar, que não é exagêro) passar tão bem duma defeza aguerrida, para uns médios atentos e colocados (exceptuando, por vezes, o direito, que teve uma tarde sombria, no que respeita à tarefa defensiva) e dêstes para um ataque decidido e voluntarioso, num terreno de tão grandes dimensões como é o do nosso Estádio Municipal e para mais com o piso traiçoeiro e fatigante, devido à invernia.

O público até suportou, quási sem sentir ou mostrar enfado, a intempérie.

Deram também os aveirenses mostras de estarem bem preparados fìsicamente, porque não acusaram muito os efeitos da chuva e imprimiram sempre andamento vivo nas suas jogadas.

Algumas hesitações da defeza não foram motivadas pelo cansaço, mas, sim, pela ainda dificiente colocação que, por vezes, os atraiçoa e também por via do mau trabalho do médio direito.

O desafio foi emocionante.

No primeiro tempo, não houve *goals*. No segundo, J. Pinho foi ao centro marcar um *goal* já quási julgado impossivel, tão infelizes tinham sido inúmeros remates dos dianteiros locais e tão certa estava sendo a actuação do *keeper* visitante.

Houve um delírio de aplausos!

De chofre, porém (ainda não tinham passado uns 7 minutos) a *Oxvrense* soube aproveitar uma das suas fugidas e conquistar o ponto de empate.

O público ficou desolado e sofreu segundo *banho* doutra espécie mais dolorosa...

Esperava-se que os beiramarenses ficassem desalentados a ponto de só tentarem defender o empate...

Os ovarenses abraçam efusivamente o autor do empate.

Ao nosso lado há quem suspire de tristeza e jure abrigar-se imediatamente da chuva fria, que pode atirar para o leito, durante semanas, mêzes (anos, até, diziam êles!) os imprudentes que se arriscam a suportar os rigores do inverno..

Pouco depois, o árbitro assinala um livre no limite da grande área confiada à guarda do *vareiros*.

Os ovarenses fazem *barreira* à frente da bola.

O árbitro mede a distância que separa o esférico dos defensores, dá-a como regulamentar, curva-se, com as mãos sôbre os joelhos, e apita.

Décio, o encarregado da marcação do castigo, corre cautelósamente para a bola,

Suspende-se a respiração dos espectadores.

Apenas a chuva murmura na sua faina de ensopar até à medula quem tão ousadamente se expõe à sua influência...

Décio *shota* e a bola cola-se ás redes.

Goal!

Explude uma trovoada de aplausos. Ecludem gritos de alegria.

Beira-Mar, 2 — *Ovarense*, 1!...

Voam os guarda-chuvas. O mau tempo já não faz mal a ninguem. O *goal* da vitória *aquece* os mais friorentos! Já não há perigo (berra-se ao meu lado) da chuva provocar qualquer importuna moléstia.

E não tarda a soar o *apito* final..

* * *

O *Beira-Mar* alinhou: Vasconcelos; Amadeu e Justiça; Eduardo, Costa e Gomes; Estima, Décio, Amorim (que alinhou em substituição de Laranjo, castigado com 45 dias de suspensão pela Federação), Freire e J. Pinho.

A *Ovarense* formou; Sousa; Catalão e Ferraz; Alberto, Zeferino e Alfredo; Estarreja, Marques, Sanfins, Jacinto e Serrano.

Arbitro: Manuel Luis Ramos.

Jogadores que se destacaram mais: Justiça, Costa, Estima e Décio; Sousa, Catalão, Ferraz, Zeferino e Estarreja.

Santos, o jogador oliveirense que provocou a desordem com Laranjo, ficou suspenso por 60 dias.

O *União*, de Coimbra, na Figueira da Foz, venceu a *Naval* por 3-2 e, em Oliveira de Azemeis, o *Oliveirense* bateu o *Sporting*, de Pombal, por 2-0.

A tabela apresenta-nos, agora, as seguintes indicações:

	J.	V.	E.	D.	F. C.	P.
Beira-Mar	3	3	0	0	5-2	6
Oliveirense	3	2	0	1	11-2	4
União	3	2	0	1	7-4	4
Ovarense	3	1	0	2	4-7	2
Pombal	3	1	0	2	4-6	2
Naval	3	0	0	3	4-14	0

A'manhã, o *Beira-Mar* desloca-se para Pombal, onde enfrentará, contando para êste torneio, o *Sporting* local.

Os aveirenses confiam no seu valor e na sua disposição de honrar a terra.

Os briosos beiramarenses hão-de saber lutar para conseguirem mais um triunfo.

Y.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos; ámanhã, o sr. tenente Julio Trindade; no dia 6, a inocente Maria Cesarina, filha do industrial sr. José dos Reis; em 7, o sr. Hermenegildo Meireles e a esposa do sr. Francisco dos Santos Silva, residente no Rio de Janeiro (E. U. do Brazil) e em 8, a galante Maria Luisa, filha do sr. capitão Carlos Maria do Carmo, actualmente em Torres Novas.

Partidas e Chegadas

Vindo do Caramulo, onde seu genro sr. tenente José Salvato Bizarro tem obtido sensiveis melhoras, encontra-se, de novo, em Aveiro o sr. Joaquim Dias Abrantes e familia.

—Depois de ter passado na Quinta do Arieiro algumas semanas com sua gentil filha, regressou a Caneças, onde ha muito reside, a nossa conterranea sr.ª D Balbina Simões.

—Estiveram nesta cidade os srs. Joaquim António Vieira, empregado na filial do Banco N. Ultramarino de Ovar; João Ferreira Félix, comerciante na Gafanha da Encarnação; e Manuel Fernandes Maia, residente em Olhão (Algarve).

Doentes

Não passa bem de saude, guardando o leito, o sr. general José Domingues Peres, sogro do nosso amigo José dos Santos Jorge, guarda livros no Porto.

—Na sua casa de Arada teem-se acentuado as melhores do também nosso amigo José Nunes Rangel, que esta semana vimos na rua de magnifico aspecto

—Igualmente continua melhorando, o que nas apraz registar, o sr. Firmino Fernandes

Desejamos o restabelecimento de todos.

O TEMPO

Previsões de 5 11 a de Fevereiro

Meteorologia

Oscilação barométrica geral — Continua a subida barométrica, iniciando em 8 a descida.

Datas de novos ciclones — Em 5 e em 8.

Movimentos mais sensiveis no campo de pressão — Em 5 e em 8.

Tempo em Portugal — É provável que o tempo se apresente, por vezes, com tendência para chover principalmente nos dias 10 e 11.

Tempo no estranjeiro — Tendência para mau tempo e maior intensidade dos ventos: em Espanha, Africa do Sul, California e Brasil.

Oscilação provável de temperatura no Peninsula — Tendência para descer no começo e no final do periodo.

Sismologia

Datas de maior sensibilidade: em 7 e em 11.

Setúbal, 1 de Fevereiro de 1939.

A. CARVALHO SERRA

Vêr a 4.ª página

Correspondencias

Esgueira, 2

Devido às chuvas, alguns caminhos ficaram intransitáveis o que tem causado bastantes prejuizos.

Providências a quem de direito.

—E' já no próximo sábado que o *Talábriga-Jazz*, dessa cidade, aqui vem abrilhantar um baile ao *Recreio Musical*, que está despertando entusiasmo.

C.

Costa do Valado, 2

Já se acham colocados os candieiros de iluminação na via pública, mas por enquanto ainda se não sabe a noite em que devem acender-se pela primeira vez.

Calculamos, porém, que seja breve.

—O nosso amigo Albino Vieira dos Santos matou, há dias, um pôrco que depois de lhe tirarem as víceras pesava 18 arrobas e meia ou sejam 277 quilos e meio!

Parecia um boi!

Foi o maior e talvez o melhor que se cevou êste ano na freguezia da Oliveirinha.

—Deixou esta localidade com a família, indo viver para Aveiro onde possue um importante estabelecimento de fazendas, o nosso amigo Avelino Garcia, que entre nós viveu, muitos anos, conquistando simpatias.

Sinceramente lhe desejamos as felicidades de que é digno.

C.

Verdemilho, 1

Um grupo de meninas oferece no próximo domingo um baile no *Club R. Verdemilhense* à Direcção cessante e o sr. dr. António Lebre, aproveitando a oportunidade, proferirá a segunda conferência da série *Viagem à Argentina*, que também dedicará à Direcção homenageada.

Auguramos um sucesso às gentis organizadoras.

—As nossas ruas e as do Bonsucesso estão que é uma perfeita lástima. Quási intranzitáveis.

Pedimos à Câmara que volva para aqui o seu olhar misericordioso.

C.

Legião Portuguesa

=o=

Avisam-se os legionários abaixo designados para comparecerem na secretaria do Comando do Batalhão n.º 44, com séde em Aveiro, das 16 ás 17 horas em cada dia útil até 11 do corrente, afim de se informarem de assuntos que lhes diz respeito.

N.º 4|4804, Agostinho Pinheiro; N.º 5|4805, Alberto Mendonça; N.º 6|4806, Alfredo Castro; N.º 7|4807, Alfredo Sá; N.º 28|4828, António Henriques; N.º 41|4842, Daniel Dias; N.º 47|4849, Elias Sardo; N.º 50|4852, Fernando Alves; N.º 54|4856, Francisco Lopes; N.º 63|4865, João Beirão; N.º 69|4871, José Cristo; N.º 76|4878, José Proença; N.º 149|4906, Francisco Rodrigues; N.º 777|33720, Manuel Silva; N.º 783 9409, José Cardoso; N.º 1031|50440, Francisco Pereira; N.º 1054 50463, Anibal Ramos; N.º 1056 50465, Telmo Melo e N.º 1113|51663, Elias Gamelas.

O Chefe da Secretaria

José Ferreira da Costa Mortagua

Comandante da Lança

Esclarecimento

Sendo público nesta cidade que *um electricista* encarregado da instalação, na capela de S. Tomé, da Costa do Valado, praticou um crime de furto, na referida capela, a firma Ferreira, Pereira & C.ª, com estabelecimento na Praça 14 de Julho, para evitar equivocos, esclarece que não se trata de qualquer empregado seu, pois essa instalação foi adjudicada a uma casa congenere da Avenida Central, recentemente fundada.

Aveiro, 31 de Janeiro de 1939

Ferreira, Pereira & C.ª

CARTA DE LISBOA

2 de Fevereiro de 1939

A tomada de Barcelona

Foi com o maior entusiasmo que Lisboa recebeu a notícia da conquista de Barcelona. Logo que a nova se tornou conhecida foram postas a tremular em muitos prédios da capital a bandeira vermelho-oiro, em sinal de regosijo. Depois, na noite de 27, e a-pesar-do temporal desfeito que caíu sôbre a cidade, realizou-se, com grande e significativa imponência, uma manifestação à Embaixada de Espanha.

Lisboa, a Lisboa nacionalista que, seguindo Salazar, tem estado, desde a primeira hora, ao lado do General Franco e dos nacionalistas espanhois, soube compreender que a vitória da Catalunha significa o princípio do fim desta guerra de extermínio entre as fôrças da Civilização e as hordas do Mal. É que a vitória da Catalunha se vale muito pelo que significa de triunfo para as hostes nacionalistas, não vale menos pelo que constitue de derrota, de derrocada para as satânicas e desbaratadas hostes do comunismo internacional.

E a derrota do comunismo em Espanha, significa, não apenas a paz e a prosperidade da Nação vizinha, como a paz e a prosperidade de tôda a Península, portanto de Portugal, também.

Acompanhamos os nossos irmãos espanhois que se batem pela Civilização, pela Ordem Ocidental, porque sentimos, como êles e com êles, tôda a glória desta vitória sôbre as fôrças do Mal, e, também, porque—nunca é demais acentuá-lo—defendendo a Espanha nacionalista, encorajando a sua acção benemérita, nós defendemos Portugal, defendemos a integridade pátria, a independência nacional.

Por isso, mais que nunca, nós compreendemos, na noite de 27, a confusão dos nomes de Carmona, Franco e Salazar, nos gritos com que a população de Lisboa vitoriou o heroísmo, o esfôrço denodado e magnífico das armas espanholas na conquista da Catalunha. Glorificando os nomes dos chefes das duas nações irmãs e visinhas, nós enaltecemos a Civilização de que êles, como os espanhois e os portugueses de outrora, são pioneiros decididos e magníficos.

Lisboa celebrou a vitória de Franco porque sentiu que ela é o seu próprio triunfo; porque será a morte do cancro que a todos ameaçava contaminar e corroer.

Apressados

Têm aparecido na imprensa, de quando em vez e últimamente, uns srs. muito apressados, que surgem cheios de temores porque os trabalhos preparativos das comemorações centenárias não andam com aquela pressa que seria para desejar e, dentro de pouco, chegamos a 1940 e está tudo por fazer.

É claro que não há nada que justifique êstes receios aos quais já respondeu a Comissão Executiva dos centenários afirmando que tem pronto e em andamento todo o plano de realizações que lhe foi cometido. Mas, como se não bastasse esta declaração, o sr. ministro das Obras Públicas acaba de abrir empreitadas de vários trabalhos públicos no valor de 40 mil contos.

E lá se foram, com certeza, por água abaixo, todos os receios manifestados e alguns, valha a verdade, bem suspeitos ..

Cuidando do povo

A Câmara Municipal de Lisboa preocupa-se presentemente em conseguir vender a carne de vaca ao público por preços mais acessíveis para que todos, ricos e pobres, possam comprar o tão necessário alimento.

Por outro lado o sr. presidente da municipalidade anunciou que a Câmara vai facilitar a montagem de anúncios luminosos que beneficiarão o comércio anunciador, embelezarão a cidade e desenvolverão êste ramo da indústria eléctrica.

O primeiro município do País está realizando uma obra sobremodo notável, uma obra digna de Lisboa, da primeira cidade do Império, mas, principalmente, uma obra do Estado Novo.

Digno de louvor

Só merece elogios a decisão tomada pela Comissão Executiva dos Centenários de abrir um concurso para premiar o melhor artigo escrito em 1939 e 1940 sôbre as patrióticas comemorações.

É assim que se faz Política do Espírito. É assim que se chama à mais íntima colaboração com o Estado, nas suas iniciativas, os valores espirituais da Nação.

E ao verificarmos que assim é não fugimos à tentação de preguntar: quando foi que isto aconteceu em Portugal?

Quando foi?

A resposta vem rápida, verdadeira e eloqüente:

Depois que a Revolução Nacional tomou conta do Estado, depois que Salazar chegou ao Govêrno da Nação.

A aliança

O sr. general Ferreira Martins veio, há dias, num artigo sôbremodo interessante fazer o elogio da aliança inglesa e afirmar que o estreitamento que constantemente se nota nas relações anglo-portuguesas começou a acentuar-se depois do discurso do sr. Presidente do Conselho aos oficiais do Exército, em S. Bento, após o atentado da rua Barbosa du Bocage. E seguidamente, o ilustre militar faz o elogio da política internacional de Salazar no sentido de valorizar a secular amizade entre portugueses e ingleses.

Não foi necessário que passasse muito tempo sôbre a campanha dementada dos que afirmavam que o Estado Novo estava comprometendo a nossa tradicional política, afastando-nos da Inglaterra, para que Justiça completa começasse a ser feita às intenções e atitudes de Salazar em matéria de política externa.

E desta vez a Justiça vem de alguém bem qualificado e que não pode ser, nem mesmo com muito má vontade, alcunhado de suspeito.

Diferença

A C. G. T. francesa depois da última greve geral fracassada em Novembro passado, perdeu nos seus cinco milhões de filiados nada menos de três milhões. Tanto equivale a dizer que o sr. Douhaux tem menos três milhões de escravos.

Ora aqui está uma coisa que não existe em Portugal. Os nossos trabalhadores não têm donos nem «meneurs» da categoria dos srs. Douhaux Thorez e quejandos; não há greves gerais; mas a população dos nossos sindicatos, longe de diminuír, aumenta a olhos vistos.

Como se vê uma «pequena» diferença... A que vai da democracia barulhenta e anárquica a um Estado de bom equilíbrio que timbra pela melhor e mais sã Justiça.

Defesa da Família

A valorização e consolidação da Família continua a ser no Estado Novo uma preocupação de tôdas as horas, uma razão constante, como aliás não podia deixar de acontecer sendo o nosso regimen um sistema que se baseia fundamentalmente na Família, que tem na Família a sua célula primária.

Ainda agora, na Assembleia Nacional, alguns deputados usaram da palavra para afirmar, mais uma vez, o muito respeito e interêsse da representação popular pela instituição sacratíssima da Família.

Houve deputados que pediram subsídio para os casais pais de muitos filhos, lembrando ao Govêrno a conveniência de lhes facilitar a educação, concedendo-lhes matrículas e propinas, senão gratuítas, pelo menos mais baratas.

É assim, como se vê, que no Estado Novo se cuida da Defesa da Família. É assim que no regimen instituido por Salazar se prova que as promessas só interessam quando são seguidas de realização.

Na Revolução Nacional realiza-se na maioria das vezes antes de prometer. Depois limitamo-nos a verificar o que está feito. É mais simples, mais prático e mais honesto. Prometeu-se valorizar a Família e, todos os dias, constantemente, surgem factos confirmando a promessa, hoje já tornada realidade viva e eloqüente.

Pena de nós...

O sr. Pierre Dominique é um jornalista esquerdista francês que se manifestou últimamente duma amizade por nós que sôbremodo nos desvanece.

Calculem os leitores que o sr. Pierre Dominique escreveu, há pouco, um artigo pedindo à França e à Inglaterra que se unam—sabem para quê? Para nos defender, para garantir a nossa independência, para garantir a nossa posse ao Império Colonial que descobrimos, conquistámos e civilizámos.

E esta aliança é necessária porquê? Porque o general Franco logo que acabe a guerra, aliado com Hitler e Mussolini, como não tem mais nada que fazer, para se distraír, vai invadir Portugal! Entra por aqui dentro e *tlim papo!* foi um ar que nos deu: passamos logo a ser mais uma província, a 51.ª, de Espanha! Mas como a Alemanha e a Itália também têm de comer na patuscada, o general Franco, que não está para maiores bravatas, dá aos seus aliados para êles distribuirem entre si as nossas colónias! E lá se vai também o Império Ultramarino!

É claro que o sr. Pierre Dominique que é muito nosso amigo—até nos sentimos comovidos—apressou-se em vir pedir à França e à Inglaterra que não consintam semelhante crime e façam tudo que puderem para impedir a vitória de Franco, tudo por causa de nós, tudo por nosso amor!...

Evidentemente que, se fôsse possível o impossível, o sr. Azaña e os seus pares ganharem a guerra, os temores do sr. Dominique estariam certos. Então sim, êles fariam tudo para tornar Portugal uma província da Federação Bolchevista em que se tornaria a Península. Já vimos essa intenção antes da Guerra na célebre questão do contrabando do armamento e já a vimos depois da Guerra na invasão de Campo. Mas assim... Assim não...

E embora nós lhe fiquemos muito agradecidos, creia o sr. Dominique que lhe dispensamos absolutamente o zêlo da nossa defesa. Dispensamos absolutamente que tenha pena de nós, e, com a nossa vida não tenha cuidado nem temores.

GIL DO SUL

Música no Jardim

=o=

A Banda Regimental executa ámanhã, das 14,30 ás 16,30 h, o seguinte programa:

I PARTE	
Eu sou Espanhol....	P. D.—San Miguel
Abertura n.º 1......	Pereira dos Santos
Panorama Lusíada....	Fantasia—Marques
Lakmé............	Ópera—Delibes
II PARTE	
Les Saltimbanques....	Ó. C.—Luiz Ganne
Divertimento	Pereira dos Santos
Soêno de Artista.....	P. D.—Chueca

Leilão de Móveis

Continua no domingo 5, pelas 14 horas, o leilão do mobiliario do autigo Colegio Naeional, na casa onde ultimamente esteve instalado, na Avenida Artur Ravara.

A Tuna Académica de Coimbra

no Teatro Aveirense

Vamos por partes. A' chegada dos tunos não houve recepção devido ao tempo, que a isso se opôs. Eles, porém, visitaram a madrinha e renderam homenagem às suas damas de honor. Depois realizou-se o sarau. Casa cheia. Ao levantar o pano estrugem palmas e o Hino Académico é ouvido de pé emquanto a sr.ª D. Maria Emilia Rodrigues da Cruz e uma aluna do Liceu colocam, como recordação da visita, as simbólicas fitas no estandarte. Ao sr. dr. Raposo Marques, regente da Tuna, também são oferecidos formosos ramos de flôres pelas sr.as Donas Maria Emília Martins, Arlete Morais, Maria Ermelinda de Melo Picado e Maria José Mourão Gamelas, que se apresentaram no palco elegantemente vestidas e em nome de quem falou, nestes termos, o sr. dr. Luis Regala:

Ex.mas Senhoras:

Meus Senhores:

As distintas senhoras que pertencem à Comissão organizadora dêste sarau escolheram-me para fazer, ao público aveirense a apresentação da Tuna Académica de Coimbra.

Por mais que me interrogue, por mais preguntas que faça a mim mesmo, não encontro uma razão plausivel que facilmente explique o motivo de tal escolha. Talvez por eu ter sido, nos tempos em que passei por Coimbra, um estudante na verdadeira acepção académica da palavra, as senhoras imaginassem que, em mim, falassem melhor as vozes da Saudade. Se foi essa a razão que determinou a ilustre Comissão, aqui ficam os meus agradecimentos pela gentileza que me dispensou.

Aqui ficam também as minhas saudações aos estudantes de Coimbra e a gratidão do povo desta cidade pela hora aprasivel da vossa gentil visita, pelos momentos de beleza espiritual e artistica que ides proporcionar-nos.

* * *

A Tuna Académica de Coimbra dispensa bem as minhas palavras de apresentação, já porque o seu nome, aureolado de fama triunfal, tem percorrido Portugal inteiro, fazendo cintilar a juventude da sua alma desde as serranias transmontanas ás planicies calmosas do Algarve, e desde os penhascos bem portugueses das regiões beirãs ás paragens solícitas e plácidas da beira-mar, já porque não é esta a primeira vez que chega até nós a comunicação da sua mensagem espiritual.

A alma dos estudantes de Coimbra, dessa cidade encantadora e poética coberta por um céu de capas negras, dessa linda cidadezinha travêssa, irrequieta a que a boémia estudantil empresta o melhor e o mais sádio da sua comovente originalidade, a alma dos estudantes de Coimbra, dizia eu, pela sua riqueza virtual, ou antes, pela virtualidade do seu sub-solo sentimental e pela vibração lírica da sua congénita vocação artística, tem variados matizes de sedução e de encantamento:—*troupe* nocturna perseguidora do *caloiro* atrevido e desobediente ás leis do fôro académico; as arremetidas e chalaças do praxista implacável e mordaz; o galanteio romanesco dirigido à tricaninha descarada e arisca; a canção doleute e maguada do fado coimbrão vibrado nas cordas da guitarra inseparável ou sôlto da garganta do boémio; a graça e o chiste e até, em vésperas de exames, a neurastenia antipática do estudante aflito, tudo são manifestações interessantes daquela alma estouvada, do lirismo daqueles corações môços.

A vocação musical é mais uma *nuance* da alma do estudante de Coimbra, talvez a mais comunicativa, a mais sedutora, sôbretudo para os corações femininos, a que vinca mais e melhor os pergaminhos da sua tradição gloriosa. E' que a música, pelo seu poder criador, traduz com mais fidelidade os arrebatamentos sentimentais da alma humana e comunica mais directamente as paixões, os sentimentos, as ansiedades e os êxtasis que percorrem e dilaceram o coração do homem.

Na música tipicamente de Coimbra, na música, deixem dizer-me assim, de capa e batina, ressalta e transparece tudo o que contem a natureza e a paisagem daquela terra. E o Fado, a canção de amor por excelência, que tão amaldiçoada tem sido por certos reformadores do nosso temperamento de meridionais, é, sem dúvida, o que melhor interpreta a nostalgia e a saúdade—estas duas irmãs gêmeas da romântica paisagem de Coimbra.

Este sarau de Arte vai mostrar-nos como sabe sentir a alma daquela terra. Arrebatados pelo enlêvo da poesia dos seus trechos musicais, ides ser estudantes como são êstes rapazes, estudantes como eu o fui também.

Bem haja, pois, quem vos trouxe a esta cidade e bem-haja também quem poisou sôbre os meus ombros esta capa negra que me faz recordar, sentida e saudosamente, o tempo mais feliz da minha mocidade.

Muitas palmas e usa, a seguir, da palávra o presidente da academia aveirense, sr. E'lio Afreixo, que dêste modo se exprime:

Caros colegas:

Deve já ser grande a impaciência de todos os dignos espectadores que, neste momento, mais do que tudo, anseiam por vos ouvir e apreciar, de modo que procurarei ser o mais sucinto possivel nas minhas modestissimas palavras, com que, apenas, vos saúdo e felicito, em nome da Academia do Liceu de Aveiro.

São já de longa data as relações amistosas, subsistentes, entre as academias das duas cidades vizinhas: Coimbra das noites luarentas do Choupal e das guitarras a soluçar e Aveiro, êste rincão, beijado pelo Atlântico, que, aos olhos ávidos dos estranhos, surge sempre, com todo o ineditismo da sua beleza *sui generis*, modéstia à parte.

E', portanto, para intensificar êsse vinculo que nos prende, essa cadeia de élos indestrutiveis, que, por unanime vontade da Academia, aqui viemos colocar, no vosso glorioso estandarte, a simbólica fita, recordação, embora singela, mas sincera, que se irá confundir, num aigual comunhão de sentimentos, com todas as outras que, profusamente o ornamentam numa policromia alacre.

Caros colegas, repito: o valor objectivo da nossa lembrança é insignificante, mas crêde que representará bem o testemunho duma velha amizade.

Aos dois oradores agradece o regente da Tuna as saudações que lhe dirigiram e o carinho com que foi recebida, seguindo-se a execução do programa, aplaudido pelo público.

O sarau terminou com um acto de variedades em que se destacaram Luciano de Carvalho, na *rumba* e na *Valsa Mãi... vai chamar pai a outro* com João Jardim. Isto sem favor, podendo nós garantir que nos inspirámos para o afirmarmos no gosto da gentilíssima Comissão e restantes espectadores.

O baile, que após o espectáculo e em honra dos tunos teve logar no *Club Mário Duarte*, decorreu animadíssimo, como era de esperar. Só terminou na manhã de domingo, retirando os estudantes satisfeitos pelas horas passadas entre nós, pois nos parece que, desta vez, os aveirenses cumpriram à risca o seu dever para com os ilustres visitantes.

Regimento de Cavalaria n.º 8

—x—

Anuncio

1.ª Praça

O Conselho Administrativo deste Regimento, faz publico que no dia 16 do corrente, pelas 14 horas, na sala das sessões do mesmo Conselho Administrativo, se procederá á arrematação em hasta publica das rações de verde para os solipedes do Regimento de Cavalaria n.º 8 e para os do Regimento de Infantaria n.º 19 pelo espaço de 20 e 30 dias.

As propostas, feitas em papel selado da taxa em vigor, segundo o modelo do Caderno de Encargos, serão apresentadas neste Conselho Administrativo até á abertura da praça, em carta fechada e lacrada, acompanhadas da caução provisória de CEM ESCUDOS (100$00).

O Caderno de Encargos está patente todos os dias uteis das 10 ás 15 horas na Secretaria do Conselho Administrativo.

Quartel em Aveiro, 1 de Fevereiro de 1939.

O Secretario,

Antonio Pedro Carretas
Alferes

O *Democrata* vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Horario dos comboios

Da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro

Partidas para o norte		Partidas para o sul	
5,41	tram.	7,56	tram. *Fig.*
5,27	correio	9,40	rápido
7,15	tram.	10,59	correio
10,22	»	13,23	tram. *Fig.*
12,56	rápido	16,19	tram.
13,43	tram.	19,29	rápido
16,58	»	21,51	tram.
18,30	correio	0,31	correio
21,09	tram.		
22,27	rápido		

Do Porto chegam tram. às 19,05 e às 20,39, que não seguem.

Linha do Vale do Vouga

Partidas	Chegadas
7,57	10,15
13,45	18,21
18,38	22,54

Comarca de Aveiro

—:—

Anúncio

2.ª publicação

Por este Juizo e segunda Secção, primeira Vara, e nos autos de execução hipotecaria que João Mateus Junior, e mulher Rosa da Luz Braz ele marnoto e ela domestica ambos de Aveiro, movem contra Joaquim Lopes dos Santos, trabalhador, casado segundo o regimen de separação de bens, de Aveiro, mas agora ausente na America do Norte, vai á praça para ser arrematado por quem maior lanço oferecer acima da sua respectiva avaliação, no dia 12 de Fevereiro proximo, pelas doze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito á Praça da Republica em Aveiro, o seguinte prédio pertencente e penhorado ao executado:

Uma casa terrea de primeiro andar com seu quintal e mais pertenças, sita na Rua do Vento, desta cidade e freguesia da Vera-Cruz, avaliada em quinze mil escudos.

Pelo presente são citados os credores incertos.

Aveiro, 20 de Janeiro de 1939.

O Chefe da 2.ª Secção da 2.ª Vara

Carlos Hermenegildo de Sousa

Verifiquei:

O Juiz de Direito

António Ferreira

Comarca de Aveiro

=o=

Anúncio

2.ª publicação

Por este Juizo, segunda Secção da primeira Vara e nos autos de execução por custas e selos que o Ministerio Publico move contra Manuel dos Santos ou Manuel Ribeiro, o *Miudo*, casado, agricultor, das Vergas, por apenso ao processo de querela, que lhe moveu o Ministerio Publico, vão á praça, pela segunda vez, para serem arrematados por quem maior lanço oferecer acima de metade das suas respectivas avaliações, no dia 12 de Fevereiro proximo, pelas doze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito á Praça da Républica em Aveiro, os seguintes predios pertencentes e penhorados ao executado:

Uma terça parte de um terreno a mato, sito na Lombada ou Chasqueiro, limite do Ervidal, freguesia de Vagos, avaliada em quarenta escudos, e

Uma terça parte de um terreno baldio, sito em Sanchequias, avaliada em vinte e cinco escudos.

Pelo presente são citados os credores incertos, e bem assim os comproprietarios, Claudino Ramos, casado, ausente em parte incerta do estrangeiro e Joaquim dos Santos, casado, auzente tambem em parte incerta do Brazil, para naquela qualidade, deduzirem os seus direitos, querendo no acto da praça.

Aveiro, 16 de Janeiro de 1939

O Chefe da 2.ª Secção

Carlos Hermenegildo de Sousa

Verifiquei:

O Juiz de Direito

António Ferreira

A FECHAR

Um polícia entra numa camisaria para comprar um colarinho.

—Que numero?—preguntou o empregado.

O polícia apontou para a gola:

—O senhor não vê? 2009.